

Capítulo I

Medo

A paisagem era melancólica e caótica, as nuvens cinzentas traziam uma aura ainda mais fúnebre para o massacre. Apesar do clima temperado da França, usualmente fresco e acolhedor, aquele dia estava particularmente gélido. Mesmo em pleno junho e sendo pouco mais que 17:00 horas. Uma tênue neblina pairava no ar diminuindo a visibilidade consideravelmente, porém ainda era possível ver a silhueta de florestas e colinas ao longe.

O ruído produzido pelos projéteis das metralhadoras alemãs eram o equivalente das trombetas do apocalipse. Tiros e tiros rasgavam o ar zunindo acima das trincheiras, não havia meio segundo de intervalo entre cada disparo. Havia diversos grupos de soldados espalhados pelo terreno. Os ingleses tentavam evitar o avanço no território rural de Aisne, cobiçado pelo acesso que proporcionaria aos alemães à França.

Dentre a multidão se destacava um soldado, Albert Walker, sentado de costas para uma das paredes de terra, sentindo-a vibrar. Sua respiração era pesada e desordenada, o bater de seu coração, frenético, tremia como se seu sangue estivesse congelado. Porém, mesmo com o caos à sua volta, ele estava totalmente absorto em seus pensamentos. Ele observava todos os soldados à sua volta, cada um focado na tarefa repetitiva de atirar, abaixar, recargar e retornar a atirar. Todos demonstravam visivelmente a pressão que aquela tarefa causava.

Levou a mão trêmula ao seu rosto e sentiu o sangue, ainda quente, que respingou por todo o lado direito de sua face e da sua já imunda farda, que um dia fora verde-rifile. A sua direita viu, com a cabeça praticamente encostada em seu pé, um homem jovem, com seus

1,80 metros de altura, que apresentava um singelo olho azul claro. Era um ex-companheiro morto, estirado de costas para o chão. Uma bala de 8 milímetros ainda se encontrava alojada no seu crânio. Foi alvejado duas vezes, uma na cabeça pouco acima do olho esquerdo e outra perto da boca, arrancando parte da mandíbula no processo, o sangue que havia escorrido mimetizava uma cascata escarlate.

Apesar de estar desfigurada, sua feição aparentava uma calma destoante do resto da paisagem desesperadora, como se uma alma perturbada escapara do inferno. Contudo, o buraco que revelava um pouco do interior do seu crânio retornava o horror. Era quase impossível reconhecer metade de seu rosto. Sua pele pálida por natureza agora era ainda mais fantasmagórica, pelo menos a porção dela que se via entre a lama e o sangue.

Não havia tempo de lamentar ou, ao menos, de se sentir abalado pela morte do amigo, ninguém tinha. Os disparos não cessavam, nem os inimigos nem os aliados. Ao seu redor só se via desespero, todos os outros soldados compartilhavam do olhar de alguém que encarava a morte. O interior da trincheira possuía um odor metálico de morte e miséria, diversos corpos em processo de decomposição eram rodeados de moscas e ratos que se aproveitavam da carne, espalhados ao longo do corredor de aproximadamente 15 metros de extensão.

Novamente, olhou de relance para seu companheiro, analisou o colar onde pendia sua identificação, *Dog Tag* como era chamada, que se encontrava ensanguentado sobre seu tórax. Lia-se Leonard Wilson, dentre as manchas de sangue escuras como piche, em gravura no metal que já perdera seu brilho e beleza. Observou o objeto rezando para que o amigo de longa data simplesmente voltasse dos mortos.

...Seus devaneios melancólicos não duraram muito, logo ouviu uma voz estridente que pertencia ao Sargento Lewis, o líder daquele grupo, gritando à sua esquerda: “Granada!” Subitamente Albert levantou sua cabeça, sentindo o coração se tornar pesado como chumbo. Teve a sensação do mundo desacelerando à sua volta e viu uma granada rodopiando em direção à esquerda. Havia uns 5 metros

entre Walker e local de pouso da granada. Conseguia sentir seus companheiros levantando e correndo em direções opostas, mas mantinha seu olhar fixo no objeto. Ficou hipnotizado pelo medo, como se quisesse analisar cada detalhe do que achava ser seus últimos segundos vivo. Olhou atentamente o movimento rotacional da granada.

Uma última fagulha de adrenalina - ou de esperança - tomou conta de seu corpo. Levantou-se num salto e correu, aos tropeços, em direção à voz do Sargento, virando sua cabeça para trás e mantendo seus olhos fixos no cadáver. Observou a granada cair e tilintar, mas ainda mantinha o caminhar desesperado. Subitamente sentiu sua perna esquerda queimar com a explosão, juntamente com as agulhadas proporcionadas pelos destroços que voaram em direções opostas, não emitiu um sequer ruído, mas sua feição expressava o sofrimento. O som do estouro era agourento e ensurdecedor, fazendo seus ouvidos zunir enquanto caía de encontro ao solo. A adrenalina acabou.